

A VISÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITOS AINDA CONFUSOS

Jéssica Rodrigues de Queiroz

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

jessica_rodrigues1313@hotmail.com

Orientadora Maria de Fátima Alves

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

fatima.uaed@gmail.com

Resumo

As últimas décadas do século XX marcaram a entrada dos gêneros textuais nas escolas do Brasil e de vários países do mundo, como objetos de ensino privilegiados nas aulas de língua, com a pretensão de contextualizar e ressignificar o processo de ensino e de aprendizagem da língua materna, uma vez que esta se tornou mais que um instrumento de comunicação ou expressão do pensamento, passou a ser reconhecida como ferramenta social, histórica e cultural, como prática que produz e organiza as relações entre os sujeitos que estão inseridos na sociedade. Nesta perspectiva, diversos estudos desenvolvidos, nos âmbitos escolar e acadêmico, demonstram a relevância dos gêneros textuais para o ensino de língua materna, que se trabalhados de forma significativa, contribuem para a formação de sujeitos leitores e produtores de texto, capazes de utilizarem com consciência os diversos gêneros de acordo com o contexto e com a situação em que estejam inseridos. Entretanto, estudos e pesquisas desenvolvidos revelam as lacunas existentes no contexto escolar, no que concerne ao trabalho com os gêneros textuais, em função das várias dificuldades enfrentadas pelos docentes, quanto ao conhecimento dos gêneros textuais e a forma de trabalhá-los em sala de aula. O que tem refletido, negativamente, na aprendizagem da língua materna. Tendo em vista essa realidade, o presente estudo, recorte de uma pesquisa em andamento, desenvolvida em um Curso de Especialização em Educação Básica (UFCG), tem como objetivo analisar as concepções docentes acerca dos gêneros textuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em instituições públicas do município de Campina Grande-PB. Para alcançar o objetivo proposto foram realizadas entrevistas com duas docentes, focando suas concepções sobre gênero textual. O estudo fundamenta-se teoricamente em pesquisas desenvolvidas por Coscarelli (2007), Guimarães e Kerch,

(2012), Hila (2009), Malaquias e Pereira, (2012), Machado (2010), Marcuschi (2003; 2008), Miranda (2015), grupo de Genebra (Dolz e Shneuwly, 2004), dentre outras. Os resultados da pesquisa evidenciam que, apesar das concepções sobre gêneros terem adentrado nas escolas a partir de 1990 e terem sido amplamente divulgadas por meio da circulação de pesquisas, da institucionalização de parâmetros, referenciais, diretrizes e outros documentos, não há um efetivo conhecimento sobre o assunto em discussão, por parte dos professores que atuam em sala de aula, nas aulas de língua materna, pois a concepção docente acerca dos gêneros textuais ainda é confusa. Os gêneros são considerados pela maioria dos docentes entrevistados como todos os tipos de textos usados no cotidiano e/ou como informações que circulam no meio social. Além disso, os resultados revelam a necessidade de uma formação inicial mais sólida que contemple a teoria dos gêneros e o trabalho com a leitura e a escrita destes.

Palavras-chave: gêneros textuais, concepção docente, professor, ensino de língua materna.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa e o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula não é recente, há nos âmbitos acadêmico e escolar a discussão sobre os textos e conseqüentemente, sobre os gêneros textuais como objetos de estudo e de ensino de muitos pesquisadores, a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais. Isto porque os seres humanos não conseguem se comunicar verbalmente a não ser através dos gêneros textuais, e a linguagem é algo próprio destes, é um bem produzido no meio cultural e que simultaneamente produz cultura, por meio das interações sociais e comunicativas, e a escola, por sua vez, precisa favorecer aos alunos um trabalho sistemático com os gêneros a ponto de expandir suas as práticas de leitura e de escrita.

Em decorrência dos avanços e das mudanças de paradigmas ocorridos no final do século XX no âmbito da Linguística e no meio educacional, sobretudo, nas ciências que estudam a linguagem e a aprendizagem, aconteceu que “paralelamente a toda análise formal da língua, foram surgindo, nos anos 60 do século XX, novas tendências que fugiam à linguística hegemônica. Eram linhas de trabalho que buscavam observar a linguagem em seus usos efetivos” (MARCUSCHI, 2008, p.30).

Dessa forma, passou-se a discutir, no âmbito acadêmico e escolar, a ênfase na relevância da formação de sujeitos leitores e produtores de textos competentes, conscientes e críticos, que fossem capazes de utilizar os diversos textos, de acordo o contexto e a situação em que estão inseridos, uma

vez que todos esses textos estão relacionados às situações cotidianas, nas quais estes sujeitos se encontram envolvidos em decorrência de suas relações sociais.

Neste sentido, diversos estudos, que vem sendo desenvolvidos, demonstram que nas últimas décadas do século XX, os gêneros textuais, “entraram nas escolas (do Brasil e de vários outros países) como objetos de ensino privilegiados nas aulas de línguas” (MIRANDA, 2015, p. 217), com o intuito de contextualizar e ressignificar o ensino da língua materna, que até então, estava aprisionado à análise formal da língua e aos textos como pretexto para o ensino dos conteúdos.

Entretanto, apesar dos novos estudos sobre a linguagem que pouco a pouco trouxeram a renovação metodológica para o ensino da língua materna na década de 1990, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), no contexto escolar o trabalho com os gêneros textuais ainda é muito lacunar (MIRANDA, 2015) em função de várias dificuldades enfrentadas pelos professores, a exemplo da confusão em relação ao conceito de gêneros textuais e quanto à forma de trabalhá-los em sala de aula, bem como no que concerne à diferença entre gêneros e tipos textuais, o que tem refletido, negativamente, na aprendizagem da língua materna.

É, portanto, indispensável a investigação sobre como vem ocorrendo o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula e as possíveis implicações no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim sendo, este trabalho¹ tem como objetivo refletir sobre concepções docentes acerca dos gêneros textuais em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mediante a realização de entrevistas com duas docentes que atuam em instituições públicas municipais de Campina Grande-PB.

Este trabalho fundamenta-se teoricamente em pesquisas desenvolvidas por Almeida, 2012; Coscarelli, 2007; Guimarães e Kerch, 2012; Hila, 2009; Malaquias e Pereira, 2012; Marcuschi, 2002, 2008; Miranda 2015; Suassuna, 2008; o grupo de Genebra (Dolz e Shneuwly, 2004), dentre outros que buscam discutir a temática do ensino da leitura e escrita a partir do trabalho com os gêneros textuais, como forma de contextualizar e tornar mais produtivo este ensino da língua materna.

Para efeito de clareza, o texto encontra-se organizado da seguinte forma: 1) Introdução; 2) Gêneros textuais e o ensino de língua portuguesa, 3) Concepção docente sobre gêneros textuais e, por fim, as Considerações finais.

¹ O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa em andamento sobre gêneros textuais, desenvolvida em um Curso de Especialização em Educação Básica (UFCG), ofertado pela Unidade Acadêmica de Educação em parceria com o MEC, cuja finalidade consiste não apenas em investigar o trabalho docente sobre gêneros textuais, mas também contribuir com a formação docente mediante a percepção da relevância de sequências didáticas como ferramentas relevantes para o trabalho com a leitura e a escrita de gêneros.

GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Diante da relevância do trabalho com os gêneros textuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para tornar os sujeitos capazes de fazer uso de sua língua materna no âmbito das práticas sociais e comunicativas, de forma mais efetiva, é que nas décadas mais recentes, os gêneros vêm ocupando cada vez mais espaço nas salas de aula e, em especial, nas aulas de língua materna. Isso só vêm se tornando possível na medida em que os estudos linguísticos, no meio acadêmico, vêm introduzindo novas noções de gêneros textuais, à luz de novas teorias linguísticas.

Com o surgimento de reflexões teóricas sobre gêneros e tipos textuais, o termo tipo de texto passou a ser empregado na forma de senso comum, sem nenhum critério pelos sujeitos que estão à margem das discussões ocorridas no âmbito acadêmico, ou seja, usado sem nenhum critério ou sem conhecimento teórico. Por outro lado, o termo gênero textual acaba não possuindo nenhum significado e não sendo reconhecido pelos usuários da língua, mas isso não significa que estes sujeitos não utilizem os diversos gêneros em seu dia a dia para realizar suas atividades sociais e comunicativas (MIRANDA, 2015).

Neste sentido, é fundamental explicar as diferenças e especificidades existentes entre os dois termos tomando como base a definição de Marcuschi (2002), que afirma que

usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição [...] os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção (MARCUSCHI, 2002, p.22).

Em contrapartida os gêneros textuais, segundo o autor acima citado, são definidos como os

textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] os gêneros textuais são inúmeros (MARCUSCHI, 2002, p.22-23).

Assim, podemos perceber as especificidades dos dois termos, na medida em que na noção de tipos textuais há uma predominante ênfase nos aspectos linguísticos e estruturais do texto, como aqueles que dão o modelo e os padrões a serem contemplados em sua produção. E na noção de gêneros textuais há o predomínio dos aspectos mais práticos da comunicação, ou seja, os textos são concebidos como formas verbais em que os sujeitos agem e interagem social e comunicativamente,

sendo considerados como seus elementos norteadores, o conteúdo, a função, o estilo e a composição do determinado texto produzido pelos sujeitos.

Em relação à noção de tipo textual, é relevante destacar que este termo é o mais utilizado no senso comum, entre os professores que atuam em sala de aula, mas que não têm o conhecimento das renovações teóricas e metodológicas ocorridas, nem das discussões no âmbito acadêmico, o que reflete no ensino e na aprendizagem da língua materna com base nos diversos gêneros textuais.

Isso demonstra que “a noção de gênero textual tem sido tratada em sala de aula de forma muito simplista, uma vez que os textos são vistos como reprodutores de uma estrutura prefixada para o gênero a que pertenceriam” (COSCARRELLI, 2007, p. 85). E dessa forma, os alunos são levados à apenas reproduzirem os modelos e as receitas que lhes são entregues pelos professores, com base nas estruturas textuais apresentadas nos livros didáticos e o ensino da língua materna volta-se para a mera reprodução de uma língua que não faz sentido aos alunos e não possui uma função na ação e na interação social, realizada por meio da comunicação.

Esta preocupação com um ensino que seja sistemático e significativo, tendo como base os textos, pode ser constatada também, com a elaboração e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), documento produzido pelo Ministério da Educação (MEC), que norteou, nos últimos 20 anos, o trabalho com os eixos do ensino de Língua Portuguesa (leitura, escrita, oralidade, gramática) a partir do uso dos gêneros textuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental brasileiro.

Para os PCN de Língua Portuguesa (1997) os gêneros textuais são vistos como textos produzidos, determinados e modificados historicamente pelos sujeitos pertencentes à sociedade em que vivem (BRASIL, 1997). Por isso, para que seja significativo o processo de aprendizagem da língua materna é importante o trabalho com textos utilizados no cotidiano dos sujeitos, para que assim, se possa exercitar e compreender as situações comunicativas de seu cotidiano.

Dentro deste contexto e tendo os gêneros textuais como centro da aprendizagem, ensinar a língua materna de acordo com o PCN de Língua Portuguesa

torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (BRASIL, 1997, p.28).

Nesta perspectiva, ensinar a língua materna aos sujeitos em sala de aula, torna-se uma tarefa difícil e sem sentido se os textos utilizados não tiverem dentro de situações reais ou muito próximas das situações verdadeiras, nas quais são realmente usados os gêneros. Passarão então, a servir apenas de modelo dos determinados gêneros expostos pelo professor em sala de aula.

Entretanto, apesar dessas intensas e profundas discussões sobre o ensino com os gêneros textuais, por parte de pesquisadores, estudiosos e professores, além dos PCN de Língua Portuguesa, o trabalho com os gêneros, infelizmente, possui lacunas, uma vez que ainda encontramos muitos professores que utilizam os diversos gêneros como pretexto para extrair informações explícitas da superfície do texto e para ensinar à gramática normativa, trazendo assim implicações para as práticas de letramento dos alunos.

É relevante destacar ainda que o reflexo negativo do trabalho lacunar com os gêneros textuais, como centro do ensino e aprendizagem da língua materna, é visível nos resultados dos exames e avaliações nacionais (SAEB, PROVINHA BRASIL, ENEM) realizados pelo Ministério da Educação (MEC) nas redes públicas, os quais demonstram o baixo desempenho linguístico dos alunos brasileiros (HILA, 2009) mesmo após a maior parte dos anos de escolarização.

Estes resultados revelam ainda que, mesmo após as renovações teóricas, metodológicas e a publicação do PCN de Língua Portuguesa, a função e a relevância dos gêneros textuais no âmbito do ensino e da aprendizagem ainda não foram totalmente percebidas pelos professores.

CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Pesquisas e estudos no âmbito da Linguística (COSCAROLI, 2007; MIRANDA, 2015, dentre outros) têm discutido a problemática da concepção docente acerca dos gêneros textuais, mostrando que grande parte dos docentes não tem clareza e conhecimento sólido sobre o que significa gêneros textuais, e por este motivo confundem com a terminologia tipos textuais.

Para melhor compreendermos a falta de clareza sobre o que é um gênero textual, por parte dos professores, vejamos os dados obtidos nas entrevistas com as duas docentes que atuam na rede municipal de Campina Grande-PB.

A primeira docente, que identificada nesta pesquisa por P1, ao ser indagada sobre o que entende por gêneros textuais afirma que “são as diferentes formas de linguagem que a gente emprega nos textos, que elas podem ser formais e informais, e também pode ser, é, um, tipo assim, uma maneira de classificar os textos” (Trecho da entrevista da entrevista de P1).

Com essa resposta, a professora P1 demonstra que sua concepção sobre gêneros textuais é um tanto confusa quando diz que os gêneros são “um tipo...uma maneira de classificar os gêneros”, quando na verdade tipos textuais, conforme Marcuschi (2002), seriam as estruturas linguísticas fixas de sua composição, os aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, etc, e por isso são limitados se comparados a grande diversidade de gêneros textuais existentes na sociedade.

Os novos e mais recentes estudos sobre gêneros, dentre as quais podemos destacar a abordagem teórica intitulada de Interacionismo Sociodiscursivo, compreende as ações de linguagem como práticas que se concretizam por meio dos textos utilizados nos diferentes contextos e situações cotidianas de todos os sujeitos no âmbito das relações sociais, tomando por base os aspectos comunicativos, sociais, econômicos, culturais, dentre outros (MALAQUIAS E PEREIRA, 2012).

Ainda em relação a fala da professora P1, é possível entendermos que, para ela, a noção de gêneros textuais teria apenas a função de contabilizar os diversos gêneros e classificar cada um de acordo com sua estrutura e com as suas características específicas, como se houvesse um padrão fixo a ser seguido, havendo assim, uma tendência de utilização do termo tipo para classificar os textos de forma pré-determinada a partir da linguagem que predomina no gênero e pelo do uso da gramática (COSCARELLI, 2007). No entanto, “nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais – isso nem seria possível, dada a quantidade imensa de gêneros textuais existente e a grande variação que há em cada gênero” (COSCARELLI, 2007, p.81).

Desse modo, ao dizer que os gêneros textuais são as formas de classificar os textos, a professora P1 demonstra desconhecimento das novas concepções de gêneros textuais, as quais concebem os textos como mais que palavras escritas na superfície do papel, e sim como elementos culturais numerosos e extremamente diversificados, com uma evidente dimensão comunicativa (SUASSUNA, 2008). Havendo dessa forma, uma relação intrínseca e direta dos textos que encontramos em nosso dia a dia e que utilizamos em nossas relações sociais e comunicativas, não podendo então, os gêneros textuais serem considerados fora de seu contexto e de sua realidade social.

A segunda docente entrevistada no presente trabalho, identificada como P2, ao ser questionada sobre o que entende por gêneros textuais, respondeu que para ela gênero textual

é, aquele texto, [...] não o texto, mais um conjunto num é, assim de ... informações onde o aluno, não só o aluno, mais também como eu professora vou diferenciar, ... a mulher, tô enrolada visse (risos). É assim, como eu, eu conhecer essas

diferentes informações, como eu obter diferentes informações, [...] esses tipos de textos é que vai formar né o gênero, é, acho que é, é mais ou menos isso. P2

A professora P2 demonstra não possuir clareza acerca dos gêneros textuais, pois ao defini-los, afirma que gênero textual é sinônimo de texto, de conjunto de informações presentes nos textos, nos quais, professores e alunos podem diferenciar e conhecer as diferentes informações presentes em seu cotidiano.

Desse modo, é perceptível a falta de um conhecimento teórico mais sólido e fundamentado acerca dos gêneros textuais, uma vez que a docente P2 confunde os gêneros textuais com a obtenção de diferentes informações presentes no âmbito social. O que reforça o destaque de vários estudiosos e pesquisadores (MACHADO, 2010; MIRANDA, 2015) que afirmam haver a inserção dos gêneros textuais no âmbito da sala de aula sem reflexão e sem um conhecimento teórico sólido por parte dos professores, do que são de fato os gêneros textuais, das suas funções nos diversos contextos sociais e na forma de trabalhá-los em sala de aula.

Sua resposta a nosso ver, se distancia das diversas concepções teóricas de gêneros textuais fundamentadas à luz dos estudos linguísticos, a exemplo do Interacionismo Sociodiscursivo, que considera os gêneros textuais como formações textuais relativamente firmadas, pré-determinadas pelo uso dos sujeitos em contextos sociais mais diversos, que se integram a diversas atividades de linguagem nas esferas familiar, jornalística, publicitária, acadêmica, jurídica, literária, dentre muitas outras (MIRANDA, 2015).

Ainda em relação à noção de gêneros textuais, consideramos, conforme SCHNEUWLY E DOLZ (2004, p. 74, apud, BAKHTIN, 1984) que os gêneros são “instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação”, e mais ainda, são “formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem”. Em outras palavras, os gêneros textuais são estruturas dinâmicas mais ou menos estáveis que possibilitam a comunicação entre os sujeitos, e que não funcionam de forma autônoma e nem independente do contexto em que se inserem.

Os resultados do estudo apontam para a necessidade de Cursos de formação docente que possibilitem aos professores terem clareza sobre o que de fato significa um gênero textual, uma vez que a concepção adotada sobre tal termo traz implicações para o trabalho dos gêneros na sala de aula, bem como para a expansão das práticas de letramento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas neste estudo, é possível constatar que os docentes do Ensino Fundamental não têm clareza sobre o que significa gêneros textuais e que por isso continuam confundindo tipo e gêneros em seus discursos e, conseqüentemente, em suas práticas na sala de aula. Para as docentes, colaboradoras da pesquisa, os gêneros são considerados como os tipos de textos usados no cotidiano e como as linguagens formais e informais presentes nos textos.

Isso, a nosso ver, reflete a precária formação inicial de muitos professores sobre o real sentido dos gêneros textuais no contexto social e sua didatização no espaço da sala de aula, além de refletir, negativamente, na aprendizagem da língua materna dos alunos, gerando assim, a falta de interesse dos mesmos pela língua e perpetuando o mito da dificuldade de aprender a mesma.

Apesar das concepções mais recentes sobre gêneros (Interacionismo Sociodiscursivo, dentre outras), se fizerem presentes no âmbito acadêmico, elas estão a desejar mudanças no contexto escolar.

Neste sentido, é importante reconhecer que a inserção dos gêneros textuais na sala de aula não implica que há ensino sistemático e significativo dos gêneros por parte dos docentes, mas como defende Guimarães (2010) “a presença do conceito de gênero na sala de aula de língua materna pode transformar a realidade do ensino” (GUIMARÃES, 2010, p. 422), se este conceito estiver relacionado aos textos como práticas sociais que são, e se as práticas de ensino estiverem relacionadas às práticas sociais e comunicativas do cotidiano dos sujeitos.

Portanto, há a necessidade de formação inicial mais sólida, e formações continuadas que contemplem a teoria dos gêneros, mostrando as metodologias que considerem a riqueza dos textos presentes na sociedade, materializados nas situações comunicativas de nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

COSCARELLI, Carla Viana. **Gêneros textuais na escola**. Revista Veredas. PPG Linguística/UFJF, Juíz de Fora: 2007, p. 78-86.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2004.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; KERSCH, Dorotea Frank. A caminho da construção de projetos didáticos de gênero. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; KERSCH, Dorotea Frank. (orgs.). **Caminhos da construção: projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012, p.21-44.

HILA, Cláudia Valéria Dona. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p. 151-194.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Ensinar Português hoje: novas práticas na tensão entre o escolar e o social. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte. Editora UFMG: 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, Florencia. Considerações sobre o ensino de gêneros textuais: pesquisa e intervenção. In: LEURQUIN, Eulália; COUTINHO, Maria Antônia; MIRANDA, Florencia (org.). **Formação docente: textos, teorias e práticas**. Campinas, SP. Mercado das letras: 2015, p. 217-240.

SUASSUNA, Livia. Ensino de língua portuguesa: os gêneros textuais e a “ortodoxia escolar”. In: ZOZZOLI, Rita Maria Diniz; OLIVEIRA, Maria Bernadete de (org.). **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 111-136.